

Análise Conjuntural

ISSN 0102-0374

IPARDES

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Curitiba, v.39, n.5-6, maio/junho 2017

sumário

- 3 O PIB DO PARANÁ NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2017
Guilherme Amorim
- 6 O COMPORTAMENTO DA INFLAÇÃO NO BRASIL
Ana Sílvia Martins Franco
- 10 PERFIL DOS DESOCUPADOS NO PARANÁ
Guilherme Amorim
- 13 PARANÁ - DESTAQUES ECONÔMICOS
Guilherme Amorim
- 16 ECONOMIA PARANAENSE - INDICADORES SELECIONADOS

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

CARLOS ALBERTO RICHA - Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

JURACI BARBOSA SOBRINHO - Secretário

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR

Diretor-Presidente

ARISTIDES RODRIGUES DO PRADO NETO

Diretor Administrativo-Financeiro

DANIEL NOJIMA

Diretor do Centro de Pesquisa

FRANCISCO JOSÉ GOUVEIA DE CASTRO

Diretor do Centro Estadual de Estatística

ANÁLISE CONJUNTURAL

GUILHERME AMORIM (*Editor*)

ANA SILVIA MARTINS FRANCO (*Economista*)

EDITORIAÇÃO

MARIA LAURA ZOCCOLOTTI (*supervisão editorial*)

ESTELITA SANDRA DE MATIAS (*revisão de texto*)

ANA RITA BARZICK NOGUEIRA (*editoração eletrônica*)

NATÁLIA VICENTE MONTANHA TEIXEIRA (*normalização bibliográfica*)

STELLA MARIS GAZZIERO (*projeto gráfico*)

O PIB DO PARANÁ NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2017

Guilherme Amorim*

A divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) do Paraná pelo IPARDES, com nova metodologia, permite que o comportamento da economia estadual seja analisado com maior precisão e grau de detalhamento. A pesquisa passa a apresentar, para além da taxa geral do PIB, o comportamento do valor adicionado (VA) dos grandes setores (Agropecuária, Indústria e Serviços), a participação dos Impostos, e estimativas – em valores correntes – de cada uma dessas rubricas (tabela 1). O crescimento registrado no primeiro trimestre deste ano, de 2,5% em relação ao mesmo período de 2016, mostra que a economia do Estado reage à recessão, calcada no desempenho da Agropecuária e da Indústria.

TABELA 1 - PIB EM TAXAS E VALORES CORRENTES - PARANÁ - 1.º TRIMESTRE DE 2017

ATIVIDADE	TAXAS (%)			VALOR (R\$ MILHÕES)	
	Trimestre contra Trimestre	Acumulado no Ano	Quatro Trimestres	Trimestre	Quatro Trimestres
Agropecuária	14,6	14,6	4,7	16 578	37 548
Indústria	3,1	3,1	0,6	21 080	85 551
Serviços	-0,9	-0,9	-1,4	55 307	224 011
Valor Adicionado	2,7	2,7	-0,3	92 965	347 110
Impostos	1,4	1,4	-0,6	13 986	51 308
PIB	2,5	2,5	-0,3	106 950	398 419

FONTE: IPARDES

A expansão da Agropecuária (14,6%) baseou-se nas boas safras de grãos, na avicultura e na suinocultura. De acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE, o Paraná registrou elevação de 23,41% no volume da primeira safra de feijão, cuja colheita encerrou-se em março. O Estado detém a maior produção deste grão no País. A safra de verão de milho, por sua vez, foi 40,57% superior à registrada no ano passado, quando a estiagem prejudicou sobremaneira a cultura. A produção de soja, ainda segundo a LSPA, foi 15,23% maior. No final de março, de acordo com o Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento (DERAL/SEAB), 69% da safra de milho e 77% da de soja haviam sido colhidas. O complexo carnes contribuiu para a expansão do valor adicionado com o aumento de 3,52% no abate de aves e de 1,15% no de suínos, quando considerado o peso total das carcaças mensurado através da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE).

Para efeitos de aferição do PIB, a Indústria abarca os setores extrativo, de transformação, de construção civil e de geração de energia elétrica. Essa combinação apresentou crescimento de 3,1% frente ao primeiro trimestre do ano passado e de 0,6% nos últimos quatro trimestres.

A tendência de recuperação da indústria de transformação do Estado, percebida a partir do final de 2016, foi confirmada no primeiro trimestre deste ano. Embora os ramos que compõem o complexo industrial paranaense (o quarto maior do Brasil) apresentem comportamento bastante díspare, os resultados inspiram otimismo.

Tal desempenho da indústria de transformação, marcado por crescimento de limitada difusão, pôde ser percebido, também, através da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF/IBGE).

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

Pode-se observar que a fabricação de máquinas e equipamentos e a de veículos automotores, reboques e carrocerias apresentaram as maiores variações na comparação trimestral (tabela 2). A recuperação da produção de tratores e colheitadeiras, e de automóveis, respectivamente, responderam por essas variações incomuns. Ressalte-se que a vital indústria alimentícia do Estado produziu volume 4,5% maior do que o registrado pela PIM-PF no primeiro trimestre do ano passado. O vigor desse segmento também pode ser verificado em seu desempenho acumulado em 12 meses (4,6%). O dinamismo das indústrias alimentícias, ligadas ou não às cooperativas, tem perenemente garantido a inserção de seus produtos no mercado internacional. De uma maneira geral, a produtividade da Indústria do Estado – em boa medida impulsionada pela Agropecuária – está ligada à sua abertura ao exterior.

TABELA 2 - PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL, POR ATIVIDADES - PARANÁ - MARÇO DE 2017

ATIVIDADE INDUSTRIAL (CNAE 2.0)	ACUMULADO NO ANO (%)	ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 12 MESES (%)
Fabricação de produtos alimentícios	4,5	4,6
Fabricação de bebidas	-1,0	2,1
Fabricação de produtos de madeira	3,7	5,1
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	-2,3	-1,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-10,8	-16,8
Fabricação de outros produtos químicos	-11,3	-8,8
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	2,4	-0,4
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-2,1	-15,4
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	8,0	-6,1
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,9	2,6
Fabricação de máquinas e equipamentos	65,1	29,7
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	21,7	2,9
Fabricação de móveis	-11,9	-11,3

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

No tocante aos demais setores compreendidos na Indústria, dados do Organizador Nacional do Sistema (ONS) e da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) indicam pequenas variações na geração realizada no Estado, positiva nos últimos quatro trimestres ainda que negativa no primeiro trimestre de 2017. A construção civil, por sua vez, ainda atravessa período de contração. O número de ocupados nessa atividade no Paraná, mensurado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios trimestral (IBGE), foi 8,15% menor na comparação entre os primeiros trimestres de 2017 e 2016, e 5,57% menor na comparação de quatro trimestres. Sinal da fragilidade da construção civil, nacionalmente, é percebido através da razão entre distratos e imóveis vendidos, informação compilada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias. Essa relação chegou a 36,9% no primeiro trimestre e 41,2% nos doze meses terminados em março.

O setor de Serviços, inclusive comércio, respondeu por 64,53% do valor adicionado do Paraná nos últimos quatro trimestres. A queda nesse período (-1,4%) deriva, essencialmente, da deterioração do mercado de trabalho. A reação observada na Agropecuária e na Indústria, contudo, manifestou-se parcialmente sobre o nível de atividade dos Serviços. Eles possuem grande inércia de preços, em parte provocada por indexação. Têm, ainda, alta aderência aos ciclos econômicos. A recuperação dos demais setores tende, portanto, a estimular esses segmentos com alguma defasagem.

Os resultados de março da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) mostram retração em 12 meses (-3,4%), quando considerado o volume, mas apresentam força (2,1%) no primeiro trimestre (tabela 3). Todos os ramos abarcados na PMS registraram crescimento entre janeiro e março, com destaque para Transporte e Correios (3,7%) e para os Serviços prestados às famílias (3,6%), que incluem atividades de alojamento, alimentação e ensino.

TABELA 3 - VOLUME DE SERVIÇOS, POR ATIVIDADES - PARANÁ - MARÇO DE 2017

ATIVIDADES	ACUMULADO NO ANO (%)	ACUMULADO NOS ÚLTIMOS 12 MESES (%)
Total	2,1	-3,4
Serviços prestados às famílias	3,6	-4,7
Serviços de informação e comunicação	1,7	0,7
Serviços profissionais, administrativos e complementares	2,3	-7,5
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	3,7	-5,3
Outros serviços	1,1	-0,2

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços

O volume de vendas do comércio ainda é declinante, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE). O índice do varejo ampliado apresentou variações negativas de -4,0% em quatro trimestres e de -1,1% no primeiro trimestre de 2017. Na primeira comparação, todos os ramos do varejo apresentam contração. Na relação entre o primeiro trimestre deste ano e o de 2016, entretanto, percebe-se crescimento na quantidade vendida de combustíveis e lubrificantes (impulsionado, principalmente, pelo transporte da safra) e de material de construção.

O cenário macroeconômico, mesmo aquele de curto prazo, depende de soluções para a crise fiscal. Estas ainda parecem distantes e fugidias.

O COMPORTAMENTO DA INFLAÇÃO NO BRASIL

Ana Sílvia Martins Franco*

A inflação no Brasil, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), registrou acréscimo de 3,0% no acumulado dos últimos doze meses, encerrados em junho de 2017, conforme dados recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No mês de junho, o índice apresentou deflação de 0,23%, puxado pela queda no preço dos alimentos e da conta de luz.

O índice tem mostrado trajetória descendente, muito por conta da política monetária praticada pelo Banco Central (BC), que promoveu aumentos na taxa básica de juros da economia e a fez permanecer em patamares imódicos. O Comitê de Política Monetária (COPOM) elevou a taxa Selic para 14,25% ao ano e a manteve neste nível por mais de 14 meses, o que levou a inflação a convergir para a meta estipulada pelo BC, que é de 4,5%, com piso de 3% e teto de 6%.

O grupo Alimentação e Bebidas, que representa o maior peso no dispêndio das famílias, de 25,7%, registrou inflação de 1,13% (tabela 1), no período de doze meses, sendo que a alimentação no domicílio ficou 0,56% mais barata no período. Diversos itens compreendidos nesta cesta de produtos, importantes na mesa do brasileiro, apresentaram decréscimo nos preços ou ligeiro acréscimo, tais como os cereais, leguminosas e oleaginosas (-8,44%), os tubérculos e legumes (-33,65%), as hortaliças e verduras (-11,14%), as frutas (-5,93%), as carnes (0,75%), as aves e ovos (1,71%), especialmente por conta da retração no preço do frango inteiro, -0,12%, e da carne de frango em pedaços, -0,67%.

TABELA 1 - VARIAÇÃO DO IPCA ACUMULADO EM DOZE MESES -
BRASIL - JUNHO 2017

GRUPO	VARIAÇÃO (%)
Índice geral	3,00
Alimentação e Bebidas	1,13
Habituação	2,62
Artigos de Residência	-0,72
Vestuário	2,24
Transportes	1,85
Saúde e Cuidados Pessoais	7,44
Despesas Pessoais	5,29
Educação	8,00
Comunicação	1,93

FONTE: IBGE

O segundo grupo de maior impacto no orçamento familiar é o dos Transportes, 17,9%. Este teve variação de 1,85%, nos doze meses, com destaque para o recuo no preço dos combustíveis (-3,03%), em particular a gasolina (-3,92%), especialmente devido aos dois cortes de preço autorizados pela Petrobras nas refinarias, nos meses de maio e junho. Além disso, houve redução de 0,72% no preço do etanol – a gasolina comum possui 27% de etanol adicionado à sua composição – e de 0,46% do diesel.

A inflação do grupo Habitação foi de 2,62% no período. Contribuiu para o resultado do grupo, que corresponde a 15,1% das despesas das famílias, a desinflação de 5,82% no item energia elétrica residencial, reflexo do desconto, que variou entre 0,95% e 19,47%, concedido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) na tarifa de energia elétrica do mês de abril. O abatimento foi cedido por conta da devolução das tarifas cobradas em 2016, referentes ao custo da energia proveniente da termelétrica de Angra III, que não foi utilizada porque a usina não entrou em operação. Em junho, houve substituição da bandeira tarifária vermelha pela verde, que representa redução de R\$ 3,00 a cada 100 kWh consumidos. Isto por conta da maior afluência das vazões que chegaram aos reservatórios das hidrelétricas no mês de maio.

* Economista, técnica da equipe permanente desta publicação.

Em contraposição, itens relevantes nos gastos domésticos, como as taxas de condomínio, de água e esgoto, aluguel residencial, botijão de gás e o gás encanado, retrataram elevação acima da média do grupo, de 7,81%, 6,42%, 4,02%, 7,83% e 9,25%, respectivamente. O aumento nas tarifas de água e esgoto é decorrente do reajuste anual, que repassa a inflação do período anterior, porém algumas companhias agregaram, também, um percentual como compensação por investimentos realizados. O acréscimo no preço do gás de cozinha é proveniente do aumento de 9,8%, autorizado pela Petrobras nas refinarias, no mês de março. O gás de botijão deve ficar ainda mais caro nos próximos meses, visto que, a estatal aprovou elevação de 6,7%, em média, nas refinarias, com base na nova política de preços estabelecida pela diretoria executiva.

Os itens de Vestuário variaram 2,24%, com comportamento estável para os preços das roupas femininas, 0,31%, e aumento para as roupas infantis, 2,25%, e roupas masculinas, 2,3%. No grupo Comunicação, que teve inflação de 1,93%, observa-se recuo de 3,36% para telefone fixo, por efeito da redução da tarifa de interconexão, que corresponde ao valor cobrado entre as operadoras pelo uso da rede, anunciado pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), em fevereiro, que resultou na redução das tarifas de ligação de telefone fixo para telefone celular em até 19,25%.

Os Artigos de Residência mostraram desinflação de 0,72%, com encolhimento nos preços dos itens de mobiliário (-1,10%), eletrodomésticos e equipamentos (-0,36%), e TV, som e informática (-7,1%). Visando minimizar os prejuízos causados pela alta retração nas vendas do setor, os preços foram reduzidos, a fim de desovar os estoques elevados.

No sentido oposto, o grupo Educação foi o que mais impactou no índice geral, com avanço de 8,00%. O aumento mais expressivo ocorreu em fevereiro, em razão do reajuste nas mensalidades dos cursos regulares, devido ao início do ano letivo. A alta foi de 6,99% no mês, sendo que, os cursos de educação infantil sofreram correção de 9,03%, os de ensino fundamental 8,83%, as creches tiveram incremento de 8,47%, o ensino médio subiu 8,36% e o ensino superior encareceu 6,36%. Também apresentaram acréscimos relevantes os cursos de idiomas, 5,23%, e os cursos preparatórios, 4,14%.

A inflação para o grupo de Saúde e Cuidados Pessoais foi de 7,44%. Os itens que mais contribuíram para a elevação do índice foram os medicamentos, os serviços médicos e odontológicos, os planos de saúde e os itens de higiene pessoal. Os planos de saúde foram os que registraram a maior expansão, 13,57%, com aumento autorizado pela Agência Nacional de Saúde (ANS), em até 13,55%, a partir de maio. Os medicamentos, que puderam ser reajustados a partir de 31 de março, com variação entre 1,36% e 4,76%, de acordo com o grupo, determinado pelo perfil de concorrência, encareceram 5,78%.

As Despesas Pessoais subiram 5,29%, com destaque para a alta dos serviços de empregados domésticos, de 8,69%, que ocorreu de maneira sucessiva no decorrer dos doze meses.

Em relação aos índices regionais, municípios que registraram a menor inflação no período foram Goiânia e Região Metropolitana de Curitiba (RMC), 1,74% e 2,04%, respectivamente (tabela 2), no período de doze meses, abaixo do piso estabelecido pelo BC.

TABELA 2 - VARIAÇÃO DO IPCA ACUMULADO EM DOZE MESES - BRASIL, MUNICÍPIO E REGIÃO METROPOLITANA - JUNHO 2017

REGIÃO	VARIAÇÃO (%)
Brasil	3,00
Goiânia	1,74
Curitiba	2,04
Belo Horizonte	2,21
Belém	2,60
Porto Alegre	2,81
São Paulo	2,83
Salvador	3,13
Vitória	3,19
Rio de Janeiro	3,80
Campo Grande	3,94
Brasília	4,05
Fortaleza	4,31
Recife	4,75

FONTE: IBGE

Na região de Curitiba, a inflação para o grupo de Alimentação e Bebidas foi de -0,48% (tabela 3), segundo o IBGE, com recuo de 3,06% nos itens que compõem a cesta de alimentação no domicílio. Apresentaram deflação os cereais, leguminosas e oleaginosas (-6,36%), os tubérculos e legumes (-38,8%), as hortaliças e verduras (-24,44%), e as frutas (-10,66). As carnes mostraram sutil aumento de 0,42% e as aves e ovos recuaram 3,8%. Por outro lado, os pescados aumentaram 13,73% e as bebidas 8,99%.

TABELA 3 - VARIAÇÃO DO IPCA ACUMULADO EM DOZE MESES -
REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA - JUNHO 2017

GRUPO	VARIAÇÃO (%)
Índice geral	2,04
Alimentação e Bebidas	-0,48
Habitação	1,22
Artigos de Residência	-2,07
Vestuário	1,77
Transportes	1,79
Saúde e Cuidados Pessoais	6,73
Despesas Pessoais	4,74
Educação	7,66
Comunicação	2,23

FONTE: IBGE

Os Transportes variaram 1,79% no período, na RMC. Assim como no índice nacional, a maior retração observada veio dos combustíveis, com redução de 5,36% nos preços. A gasolina caiu 6,95% e o óleo diesel 1,63%. A diminuição do preço, tanto da gasolina quanto do diesel, nas refinarias foi diretamente refletida nas bombas na região de Curitiba.

Por outro lado, o transporte coletivo anulou parte da queda verificada nos combustíveis, ao registrar alta de 16,88%, nos doze meses. A tarifa do ônibus urbano encareceu 20,4%, e do intermunicipal 11,86%, de acordo com o levantamento do IBGE. Na Capital, houve reajuste no valor da passagem, que passou de R\$ 3,70 para R\$ 4,25 em fevereiro.

O grupo Habitação apresentou aumento de 1,22%. Contribuiu para o resultado a contração de 9,73% na energia elétrica residencial, pois o desconto concedido pela Companhia Paranaense de Energia (COPEL), pela cobrança indevida em 2016, foi de 11,88%.

No quesito Vestuário, os preços cresceram 1,77%, com redução de 0,14% das roupas, em especial as roupas femininas, -3,29%. O grupo Comunicação mostrou variação de 2,23%, com recuo, tal como no Brasil, nas tarifas de telefone fixo, de 2,93%.

Houve desinflação para os itens do grupo Artigos de Residência, de 20,7%, com retração nos preços dos artigos de mobiliário, -3,68%, de cama, mesa e banho, -4,88%, e TV, som e informática, -10,28%.

A exemplo do índice nacional, na Região de Curitiba, o grupo Educação registrou o maior acréscimo, nos doze meses, de 7,66%. As mensalidades dos cursos regulares foram corrigidas em 6,92%, no mês de fevereiro, com os principais aumentos nos cursos de educação infantil, 9,97%, ensino fundamental, 9,07%, ensino médio, 8,98%, e ensino superior, 6,32%. Os cursos de informática mostraram variação de 4,36%.

As despesas do grupo de Saúde e Cuidados Pessoais cresceram 6,73% na RMC, também por conta do incremento no preço dos medicamentos (8,82%), dos serviços médicos e odontológicos (5,76%), dos planos de saúde (13,61%) e dos itens de higiene pessoal (4,01%). No caso dos medicamentos, incidiu, também, sobre o índice regional o aumento na alíquota Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que passou de 12% para 18%, a partir de 1º de janeiro.

As Despesas Pessoais apresentaram incremento de 4,74% na região de Curitiba, com acréscimo de 8,82% nos serviços de empregados domésticos.

O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) calcula a inflação do município de Curitiba através do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), o qual constitui uma cesta de 240 produtos e serviços relativos aos dispêndios das famílias com rendimento mensal entre 1 e 40 salários mínimos. Segundo o IPARDES, a inflação em Curitiba, nos doze meses, encerrados em maio, foi de 2,30% (tabela 4).

TABELA 4 - VARIAÇÃO DO IPC ACUMULADO EM DOZE MESES -
CURITIBA - JUNHO 2017

GRUPO	VARIAÇÃO (%)
Índice geral	2,30
Alimentação e Bebidas	0,78
Habituação	-1,81
Artigos de Residência	-4,13
Vestuário	1,32
Transportes	2,73
Saúde e Cuidados Pessoais	8,42
Despesas Pessoais	3,87
Educação	9,02
Comunicação	3,02

FONTE: IPARDES

Constata-se pequena diferença entre o IPCA calculado pelo IBGE para a RMC e o IPC calculado pelo IPARDES para o município de Curitiba, onde o custo de vida é ligeiramente maior. Na Capital, a alimentação no domicílio registrou queda de 1,69%, com maior alta no preço das carnes e bebidas, enquanto na RMC a desaceleração foi de 3,06%. Também houve maior acréscimo nos serviços médicos e planos de saúde. Na Capital, foi observado maior reajuste nas mensalidades dos cursos preparatórios, dos cursos de idiomas e das academias. No caso dos Transportes, os automóveis novos encareceram 4,34% em Curitiba, enquanto na região metropolitana houve retração de 1,85%.

Por outro lado, alguns itens registraram maior recuo na Capital, como os eletrodomésticos e equipamentos, do grupo de Artigos de Residência. No caso da Habitação, houve deflação de 1,81% em Curitiba, diante do aumento de 1,22% da RMC, por conta da retração de 19,58% na energia elétrica na Capital, ante redução de 9,73% na região metropolitana.

A contenção da inflação está respaldada na política monetária, de aperto na taxa de juros, adotada pelo BC. O COPOM promoveu aumentos na taxa Selic, que chegou em 14,25% ao ano, no final de julho de 2015 e perdeu neste patamar até outubro de 2016. A política monetária contracionista contribui para a redução da inflação, por forçar o encolhimento do consumo.

Todavia, a contração na demanda agregada gera retração econômica. Como o Brasil já vinha passando por uma profunda recessão, com alto grau de ociosidade na economia, o COPOM optou pela readequação da política de juros ao cenário econômico, visto que a inflação estava em baixa, ancorada em torno da meta, e passou a promover reduções na taxa Selic. O ciclo de flexibilização monetária iniciou em outubro passado e levou e chegou à taxa anual de 10,25%, em junho de 2017.

Apesar da baixa atividade econômica e do recrudescimento da crise política deflagrada pelos escândalos de corrupção, a estimativa é de que o COPOM opte pela ininterrupção dos cortes da taxa de juros. De acordo com o boletim Focus, do Banco Central, de 30 de junho, as expectativas de mercado projetadas para o fim de 2017 são de que a taxa Selic encerre o período em 8,5% ao ano e o IPCA em 3,46%.

Pode-se inferir que o fim do choque dos preços dos alimentos contribuiu, em grande parte, para a desaceleração do índice, favorecido pela valorização do câmbio. A combinação entre esses dois fatores – câmbio apreciado e menor custo dos alimentos – colaborou com a redução dos preços livres. Ademais, o baixo dinamismo da demanda interna, muito em razão do desemprego, beneficiou o afrouxamento da inflação de serviços, apesar de esta ser mais resistente que a média geral dos preços livres, por englobar serviços essenciais, como escolas, hospitais e planos de saúde.

Além disso, a queda dos preços administrados, como combustíveis, energia e telefone, também colaborou para frear a inflação, apesar do aumento observado no preço do gás de cozinha, na tarifa de transporte coletivo e na taxa de água e esgoto. De acordo com o Relatório de Inflação apresentado em junho pela autoridade monetária, a expectativa é de que os preços administrados aumentem 5,5% em 2017.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do IBGE, referente ao primeiro trimestre deste ano, revelou que a taxa de desocupação no Paraná chegou a 10,3%. Essa proporção é sensivelmente superior às registradas no mesmo período do ano passado e no último trimestre de 2016 (ambas de 8,1%). A comparação entre os resultados dos primeiros trimestres de 2017 e 2016 mostra que o aumento da força de trabalho (0,8%) foi inferior à expansão da população em idade de trabalhar (1,4%). A inserção e a reinserção de indivíduos no mercado de trabalho, portanto, não foram os fatores preponderantes na flutuação da taxa de desocupação. Essa redundou do fato de que o número de indivíduos ocupados no primeiro trimestre deste ano foi 1,7% inferior ao percebido entre janeiro e março do ano passado.

A mais relevante variação negativa, na comparação com o primeiro trimestre de 2016, ocorreu entre os empregados no setor privado com carteira. Houve um decréscimo de aproximadamente 116 mil pessoas ocupadas desta forma (-4,9%). Registrou-se, ainda, reduções de 8,6% entre os ocupados como trabalhadores domésticos (cerca de 28 mil indivíduos), de 1,7% entre os empregados no setor público (10 mil), e de 1,3% entre os ocupados por conta própria (16 mil). Este último conjunto reúne aqueles que trabalham em seus próprios empreendimentos, sem empregados, com ou sem sócio ou ajuda de familiar.

A retração na ocupação não foi maior porque houve aumento de 10% no número de empregados no setor privado sem carteira (em torno de 46 mil pessoas). Ocorreu também elevação de 5,5% no número de empregadores (15 mil), indivíduos que trabalham no próprio empreendimento, com ao menos um empregado, e de 15,7% na ocupação dos classificados como trabalhadores familiares auxiliares – pessoas que ajudam na atividade de membro do domicílio, sem receber pagamento.

Os grupamentos de atividade que apresentaram as mais intensas expulsões de empregados nessa comparação anual foram, em números absolutos, o de construção e o de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura. Cada um desses ramos contou com 37 mil ocupados a menos do que no primeiro trimestre de 2016. O contingente de empregados em serviços domésticos, por sua vez, foi reduzido em 32 mil pessoas. Outras retrações foram percebidas na indústria (24 mil), transporte, armazenagem e correio (7 mil), comércio e reparação de veículos (3 mil), e no segmento que agrega administração pública, educação, saúde e serviços sociais (9 mil).

Dois grupamentos de serviços, no outro sentido, registraram expansão no número de ocupados. O que reúne alojamento e alimentação empregou 40 mil pessoas a mais, enquanto o grande grupo que engloba informação, comunicação, atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas contou com acréscimo de 19 mil ocupados.

A população desocupada no Paraná, estimada pela PNADC para o primeiro trimestre, é de 617 mil pessoas – contingente 29,2% maior do que o mensurado no mesmo período do ano passado. Cabe, portanto, compor um perfil desse grupo com o uso dos microdados da pesquisa. Mais da metade dessa população está desocupada entre um mês e um ano (tabela 1). A comparação com o mesmo trimestre do ano passado revela, ainda, que houve significativa elevação do contingente de pessoas desocupadas há mais de dois anos, de 16,11% para 17,98%.

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

TABELA 1 - TEMPO DE DESOCUPAÇÃO⁽¹⁾ - PARANÁ - PRIMEIROS TRIMESTRES DE 2016 E 2017

TEMPO DE DESOCUPAÇÃO	1.º TRIMESTRE DE 2016 (%)	1.º TRIMESTRE DE 2017 (%)
Menos de 1 mês	13,64	13,94
De 1 mês a menos de 1 ano	53,79	51,61
De 1 ano a menos de 2 anos	16,45	16,47
2 anos ou mais	16,11	17,98

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios trimestral

(1) Entre os que procuraram trabalho no período de referência.

Os microdados mostram também que a desocupação atinge 2,13% daqueles sem instrução ou com menos de um ano de estudo e 3,73% dos que completaram ao menos um curso superior (tabela 2). A taxa é mais elevada nas faixas de escolaridade intermediárias, sendo mais acentuada entre os que não concluíram o ensino médio (9,25%). O mercado de trabalho tornou-se mais restritivo para todos os níveis de instrução, quando comparado ao quadro do primeiro trimestre de 2016. Esse agravamento foi menos acentuado entre os trabalhadores com curso superior e mais intenso entre aqueles com ensino médio completo.

TABELA 2 - TAXA DE DESOCUPAÇÃO⁽¹⁾ POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO - PARANÁ - PRIMEIROS TRIMESTRES DE 2016 E 2017

NÍVEL DE INSTRUÇÃO MAIS ELEVADO ALCANÇADO	1.º TRIMESTRE DE 2016 (%)	1.º TRIMESTRE DE 2017 (%)
Sem instrução e menos de 1 ano de estudo	1,75	2,13
Fundamental incompleto ou equivalente	2,31	3,53
Fundamental completo ou equivalente	5,15	6,64
Médio incompleto ou equivalente	8,92	9,25
Médio completo ou equivalente	6,50	7,95
Superior incompleto ou equivalente	7,97	8,42
Superior completo	3,64	3,73

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios trimestral

(1) Entre os que procuraram trabalho no período de referência.

A mesma base de comparação temporal revela que o contingente de pessoas que procuram emprego infrutiferamente ainda é composto por jovens. Os trabalhadores entre 18 e 24 anos compunham parcela de 33,08% no primeiro trimestre de 2016 e de 32,54% no primeiro trimestre do ano corrente (tabela 3). A separação dos desocupados em faixas etárias mostra, ainda, que o número de trabalhadores com mais de 40 anos cresceu significativamente em um ano. Eles respondiam por 22,08% do grupo no início do ano passado e 24,60% no primeiro trimestre de 2017.

TABELA 3 - IDADE DOS DESOCUPADOS⁽¹⁾ - PARANÁ - PRIMEIROS TRIMESTRES DE 2016 E 2017

IDADE	1.º TRIMESTRE DE 2016 (%)	1.º TRIMESTRE DE 2017 (%)
14 a 17 anos	13,21	13,19
18 a 24 anos	33,08	32,54
25 a 39 anos	31,63	29,80
40 a 59 anos	20,63	21,80
60 anos ou mais	1,45	2,80

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios trimestral

(1) Entre os que procuraram trabalho no período de referência.

A pesquisa também apresenta dados sobre a população fora da força de trabalho, com registros dos motivos pelos quais não procuram ocupação no período de referência (tabela 4).

A existência de problemas de saúde ou gravidez, e a necessidade de atender a filhos ou parentes são as razões mais frequentes. Destaca-se nessa comparação a alegação de que não havia trabalho na localidade, que cresceu de 9,98% para 12,40% entre os

entrevistados. Também é relevante a inação motivada pela percepção de que a idade do entrevistado era um entrave à sua entrada ou reentrada no mercado de trabalho (7,16% no primeiro trimestre de 2016 e 8,94% no mesmo período de 2017).

TABELA 4 -PRINCIPAL MOTIVO DE NÃO TER TOMADO PROVIDÊNCIA PARA CONSEGUIR TRABALHO - PARANÁ - PRIMEIROS TRIMESTRES DE 2016 E 2017

MOTIVO	1.º TRIMESTRE DE 2016 (%)	1.º TRIMESTRE DE 2017 (%)
Conseguiu proposta de trabalho para começar após a semana de referência	2,23	1,12
Estava aguardando resposta de medida tomada para conseguir trabalho	6,81	6,50
Não conseguia trabalho adequado	8,92	7,72
Não tinha experiência profissional ou qualificação	3,76	3,86
Não conseguia trabalho por ser considerado muito jovem ou muito idoso	7,16	8,94
Não havia trabalho na localidade	9,98	12,40
Tinha que cuidar dos afazeres domésticos, do(s) filho(s) ou de outro(s) parente(s)	19,72	18,29
Estava estudando (curso de qualquer tipo ou por conta própria)	12,44	11,89
Por problema de saúde ou gravidez	22,18	24,09
Outro motivo	6,81	5,18

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios trimestral

Os resultados da PNAD Contínua trimestral apontam para o crescimento da informalidade entre os períodos em questão, diante da redução de ocupados com carteira no setor privado e simultâneo avanço dos ocupados sem carteira no mesmo. Esse quadro é agravado pelo fato de que o rendimento médio real destes caiu 4,3% em um ano, enquanto o daqueles subiu 1,6%. Por outro lado, um aspecto positivo captado pela pesquisa diz respeito à elevação da remuneração dos empregadores (14,3%), concomitantemente ao crescimento dos enquadrados nessa categoria.

AGROINDÚSTRIA

COMÉRCIO

C. Vale investe no varejo

A C. Vale Cooperativa Agroindustrial, sediada em Palotina (Oeste Paranaense), diversificará sua atuação, através da construção de hipermercado no município de Assis Chateaubriand, na mesma região do Estado. Estima-se que o empreendimento demore três anos para entrar em operação e demande aporte superior a R\$ 70 milhões.

Em 2016, a cooperativa registrou faturamento de R\$ 6,8 bilhões, crescimento de 2,4% em relação ao ano anterior.

COOPERATIVA investe mais de R\$ 70 milhões em novo hipermercado no PR. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 5 jun. 2017. Agronegócio. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/mercado/cooperativa-investe-mais-de-r-70-milhoes-em-novo-hipermercado-no-pr-8illhfdomefbug27g25ik64z>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

INDÚSTRIA

SEPAC lança duas linhas de fraldas descartáveis

Fabricante de papéis para fins sanitários (tissue) sediada em Mallet, na Região Sudeste Paranaense, a Serrados e Pasta de Celulose (Sepac) ampliará sua gama de produtos com o lançamento de duas linhas de fraldas descartáveis. Presentemente, a companhia fabrica guardanapos, papéis higiênicos e toalhas de papel em complexo com capacidade de gerar 10,5 mil toneladas mensais de tissue.

A produção das fraldas, nos dois primeiros anos, será realizada por outro fabricante. O projeto demandará, inicialmente, investimento de R\$ 5 milhões. A depender dos resultados, a Sepac planeja construir uma planta voltada à fabricação dessas mercadorias. Fundada há 40 anos, a empresa tem expandido sua distribuição para além da Região Sul. Seus produtos são distribuídos nacionalmente e têm chegado a Paraguai e Uruguai.

FONTES, Stella. Paranaense Sepac diversifica e testa mercado de fraldas descartáveis. *Valor Econômico*, São Paulo, 3 maio 2017. Empresas, p.B4.

Votorantim expande produção de calcário

A planta de processamento de calcário agrícola da Votorantim em Rio Branco do Sul, na Região Metropolitana de Curitiba, mais do que triplicou sua produção entre 2015 e 2017. A capacidade instalada de 280 milhões de toneladas por ano em 2015 passou para 900 milhões em 2017. Essa expansão resultou de investimentos, no último quinquênio, de aproximadamente R\$ 700 milhões na unidade.

A Votorantim detém onze instalações dedicadas ao processamento de calcário no País, utilizado como corretor de acidez do solo. A demanda nacional pelo produto é estimada em 30 milhões de toneladas por ano, e a Votorantim calcula que 8% a 9% desse volume sai de suas plantas.

SENKOVSKI, Antonio C. Votorantim aposta no agronegócio. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 25 maio 2017. p.20.

* Elaborado com informações disponíveis entre 01/05/2017 e 30/06/2017.

** Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

SIG Combibloc conclui expansão

Fabricante de embalagens cartonadas para alimentos e bebidas, a SIG Combibloc concluiu expansão de seu complexo no município de Campo Largo (Região Metropolitana de Curitiba), que levou sua capacidade de produção ao patamar de 4,5 bilhões de unidades anuais. Antes da mais recente expansão, que demandou recursos estimados em R\$ 220 milhões, a capacidade máxima era de 3 bilhões de unidades por ano. Essa produção tem sido completamente direcionada para o mercado interno. A companhia avalia que a recém-inaugurada estrutura será capaz de responder à demanda doméstica até 2020. Essa foi a quarta expansão realizada pela SIG Combibloc em sua unidade paranaense desde 2011, quando foi inaugurada.

As embalagens destinadas ao envase de leite são os principais produtos da empresa, mas ela tem diversificado seu portfólio. Recentemente passou a ofertar embalagens para alimentos com pedaços grandes, como sopas. A operação brasileira desenvolveu, ainda, mecanismo de rastreamento através de QR Code na embalagem, com leitura por aplicativo. O sistema permite a identificação individual das caixas. Resultou de investimento de três milhões de euros em pesquisa e será implantado em outros 39 países.

A SIG Combibloc, originariamente de capital suíço, presentemente faz parte da Onex Corporation, holding canadense. Registrou faturamento mundial de US\$ 1,7 bilhão em 2017, com produção de 35 bilhões de embalagens.

FONTES, Stella. SIG Combibloc ignora crise e amplia operação no Brasil. *Valor Econômico*, São Paulo, 31 maio 2017. Empresas, p.B3.

FONTES, Stella. Nova tecnologia permite rastreamento "cirúrgico". *Valor Econômico*, São Paulo, 31 maio 2017. Empresas, p.B3.

Volvo desenvolve caminhão autônomo

A Volvo desenvolve caminhão autônomo destinado à colheita de cana-de-açúcar, a pedido da Usina Santa Terezinha. A companhia de capital sueco, com fábrica na Cidade Industrial de Curitiba, avalia que a produção comercial desse veículo seja viável em menos de três anos. O modelo nacional, adaptado ao semipesado VM, utiliza sistema semelhante aos instalados em caminhões que operam, na Suécia, na mineração de carvão e coleta de lixo. Os equipamentos instalados valem-se de uma técnica denominada Real Time Kinematic (RTK) para elevar a acuidade do posicionamento por GPS.

O caminhão autônomo surge como resposta à necessidade de redução de perdas no processo de colheita, em particular nas que ocorrerem quando os caminhões carregados destroem as mudas plantadas para a próxima safra. A empresa preparará um pacote de equipamentos a ser adaptado a caminhões VM, o que dispensará a aquisição de um novo veículo. Esse projeto faz parte do plano de investimentos estimado em R\$ 1 bilhão, a ser implantado pela Volvo nas suas operações latino-americanas entre 2017 e 2019.

SILVA, Cleide. Volvo apresenta caminhão autônomo projetado no País para colheita de cana. *O Estado de S. Paulo*, 1,º jun. 2017. Economia, p.B11.

Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Klabin

A Klabin alocou R\$ 70 milhões em um plano de investimentos em pesquisa e tecnologia durante o triênio 2015-2017. Parte desse plano se materializou com a inauguração de centro de tecnologia em Telêmaco Borba, município da Região Centro-Oriental Paranaense onde a empresa está sediada.

O empreendimento é capaz de desenvolver novos produtos de base florestal e realizar simulações de funcionamento de linhas de produção.

PAPEL de pesquisa. Folha de S. Paulo, 28 jun. 2017. p.A15.

SERVIÇOS

COMPAGAS investirá R\$ 25,7 milhões em 2017

A Compagas investirá R\$ 25,7 milhões ao longo de 2017. A prioridade será dada ao atendimento de novos clientes, em regiões onde a empresa já opera. Desse montante, aporte superior a R\$ 10 milhões será realizado para a renovação da rede e em estudos de viabilidade.

A empresa conta com aproximadamente 36 mil clientes (comerciais, industriais e residenciais) e registrou lucro líquido de R\$ 4,9 milhões em 2016.

FRIAS, Maria Cristina. Energia encanada. Folha de S. Paulo, 4 maio 2017. Mercado, p.A20.

Latam constrói novo terminal de cargas

A Latam Cargo alocou R\$ 2,7 milhões na construção de terminal de cargas no Aeroporto Internacional Afonso Pena, em São José dos Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba). A estrutura é 66,4% maior do que o antigo terminal operado pela companhia no local. A Latam avalia que a instalação recém-inaugurada será capaz de movimentar volume de cargas três vezes superior à predecessora.

NOVO terminal de cargas no Afonso Pena. Gazeta do Povo, Curitiba, 19 maio 2017. p.26.

ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1984-2017

continua

ANO	ARROZ			BATATA-INGLESA			CAFÉ		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1984	196 700	242 570	1 233	40 904	505 915	12 368	424 000	252 000	594
1985	200 000	296 000	1 480	38 992	497 522	12 760	424 000	318 000	750
1986	140 000	206 000	1 411	40 509	416 596	10 284	422 825	120 000	284
1987	202 923	342 844	1 690	50 155	662 129	13 202	430 000	510 000	1 186
1988	188 615	316 732	1 679	49 464	654 282	13 227	505 581	114 000	226
1989	163 633	295 698	1 807	39 622	502 158	12 673	493 324	267 039	541
1990	151 003	253 501	1 679	41 285	616 498	14 933	426 391	156 702	368
1991	121 297	163 056	1 909	41 650	653 824	15 698	383 355	201 922	527
1992	134 000	217 200	1 621	43 925	683 500	15 561	296 000	108 000	365
1993	127 500	232 500	1 824	40 800	624 872	15 315	230 000	100 000	435
1994	105 301	217 466	2 065	45 069	643 865	14 286	184 351	81 990	445
1995	108 600	225 000	2 072	43 038	620 300	14 413	13 750	7 350	535
1996	96 300	205 000	2 129	49 236	716 000	14 542	134 000	67 000	500
1997	85 487	176 057	2 059	45 399	665 840	14 666	127 895	109 630	858
1998	80 521	170 080	2 113	43 510	571 854	13 143	128 127	135 707	1 060
1999	81 894	186 880	2 282	41 931	615 832	14 687	136 642	141 813	1 038
2000	79 823	179 885	2 254	36 448	648 376	17 789	142 118	132 435	932
2001	78 568	186 678	2 376	32 661	594 124	18 191	63 304	28 299	447
2002	75 717	185 245	2 447	33 782	659 353	19 518	129 313	139 088	1 076
2003	71 543	193 493	2 705	30 527	609 007	19 950	126 349	117 274	928
2004	68 051	182 090	2 676	29 336	580 350	19 783	117 376	152 260	1 297
2005	59 607	137 050	2 299	27 513	529 977	19 263	106 303	86 417	813
2006	59 287	171 913	2 900	28 239	585 310	20 727	100 973	139 376	1 380
2007	54 197	174 254	3 215	27 338	600 666	21 972	97 623	103 698	1 062
2008	47 019	172 737	3 674	27 740	680 160	24 519	96 804	157 882	1 631
2009	43 790	167 628	3 828	26 438	547 681	20 716	85 315	87 655	1 027
2010	40 455	166 848	4 124	30 079	727 433	24 184	82 831	138 963	1 678
2011	38 856	192 020	4 942	31 175	793 754	25 461	74 854	110 728	1 479
2012	35 035	177 841	5 076	29 182	746 480	25 580	66 811	90 614	1 356
2013	32 827	175 910	5 359	27 475	717 415	26 112	65 151	99 747	1 531
2014	29 581	158 840	5 370	30 041	832 428	27 710	33 366	33 633	1 008
2015	27 365	163 551	5 977	30 607	835 884	27 310	43 569	79 520	1 825
2016 ⁽¹⁾	26 010	117 106	4 502	30 400	777 033	25 560	46 200	65 283	1 413
2017 ⁽¹⁾	25 111	163 239	6 501	32 933	901 850	27 384	46 018	73 873	1 605

ANO	CANA-DE-AÇÚCAR			CEVADA			FEIJÃO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1984	121 696	8 428 836	69 261	19 574	18 400	940	741 001	479 108	647
1985	140 878	10 425 000	74 000	36 297	65 512	1 722	723 764	499 617	690
1986	160 000	11 600 000	72 500	27 600	60 000	2 174	627 604	215 701	344
1987	160 420	11 911 431	74 252	40 670	92 000	2 262	754 210	391 355	519
1988	156 497	11 856 032	75 759	42 498	49 485	1 164	741 920	457 692	617
1989	153 539	11 401 852	74 260	40 402	102 351	2 532	528 741	223 031	422
1990	159 417	11 736 412	73 621	28 213	50 844	1 802	550 591	279 028	507
1991	172 296	12 500 000	72 550	22 974	31 052	1 352	624 036	348 332	558
1992	184 000	13 350 000	72 554	17 700	43 326	2 448	595 894	461 162	774
1993	196 000	14 000 000	71 429	23 946	48 860	2 040	545 800	444 000	813
1994	215 796	15 945 937	73 894	14 207	27 975	1 969	589 479	526 209	893
1995	255 000	18 870 000	74 000	20 235	30 800	1 515	487 309	422 451	867
1996	294 000	23 000 000	78 231	26 110	85 430	3 272	596 125	490 854	823
1997	306 000	24 500 000	80 065	36 971	106 030	2 868	557 123	475 458	853
1998	310 344	26 640 767	85 843	42 957	84 371	1 964	564 537	494 556	876
1999	338 939	27 016 957	79 710	31 864	78 722	2 471	680 317	570 097	838
2000	327 147	23 190 410	70 887	32 135	69 146	2 152	541 082	500 948	926
2001	337 574	27 156 281	80 445	40 456	76 209	1 884	428 343	470 214	1 098
2002	358 312	28 120 716	78 481	46 750	77 862	1 665	526 457	629 059	1 195
2003	375 698	32 721 425	87 095	53 479	184 786	3 455	544 906	718 084	1 318
2004	398 969	33 552 515	84 098	53 819	167 450	3 111	503 585	664 333	1 319
2005	397 825	28 011 069	70 411	54 712	127 661	2 333	435 201	554 670	1 275
2006	444 723	34 461 627	77 490	31 745	106 891	3 367	589 741	819 094	1 389
2007	554 855	46 539 991	83 878	46 679	134 414	2 880	545 239	769 399	1 411
2008	601 656	50 958 155	84 696	36 551	150 241	4 110	508 273	776 971	1 529
2009	644 914	54 756 307	84 905	45 017	125 229	2 782	643 288	787 180	1 224
2010	652 005	55 077 630	84 553	48 824	180 804	3 734	520 798	792 010	1 521
2011	645 088	49 846 477	77 301	51 062	194 441	3 812	521 196	815 280	1 564
2012	652 041	49 840 398	76 438	51 112	158 445	3 100	478 532	700 545	1 464
2013	663 336	49 486 416	74 602	46 422	191 624	4 128	484 568	673 783	1 390
2014	677 293	50 025 094	73 860	53 226	188 787	3 547	515 110	805 941	1 565
2015	672 590	51 315 949	76 296	49 763	133 199	2 705	405 665	711 823	1 755
2016 ⁽¹⁾	663 483	47 445 019	71 509	42 390	207 312	4 891	393 685	593 348	1 507
2017 ⁽¹⁾	660 245	49 804 481	75 433	50 965	232 869	4 569	435 970	725 764	1 665

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1984-2017

conclusão

ANO	FUMO			MANDIOCA			MILHO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1984	19 474	34 844	1 789	73 688	1 446 258	19 627	2 447 000	5 400 000	2 207
1985	19 150	35 980	1 879	85 800	1 722 864	20 080	2 332 840	5 803 713	2 488
1986	18 300	27 914	1 525	85 800	1 700 000	19 814	2 300 000	4 300 000	1 870
1987	23 150	40 800	1 762	85 445	1 853 950	21 698	2 846 000	7 641 800	2 685
1988	22 520	44 482	1 975	85 242	1 855 328	21 765	2 269 862	5 558 805	2 449
1989	22 827	41 972	1 839	77 349	1 622 846	20 981	2 137 234	5 296 080	2 478
1990	22 502	40 315	1 792	101 854	2 184 599	21 448	2 079 784	5 160 823	2 481
1991	22 865	41 494	1 815	102 265	2 261 788	22 117	2 358 797	4 827 112	2 046
1992	31 085	61 000	1 962	100 000	2 100 000	21 000	2 610 000	7 370 000	2 824
1993	35 364	67 141	1 899	137 000	3 014 000	22 000	2 703 000	8 158 000	3 018
1994	32 768	63 027	1 923	157 625	3 419 935	21 700	2 512 859	8 162 472	3 248
1995	32 588	52 638	1 615	144 000	3 168 000	22 000	2 727 800	8 960 400	3 285
1996	34 446	59 529	1 728	115 232	2 500 000	21 695	2 463 000	7 911 000	3 212
1997	41 163	74 493	1 810	144 500	2 600 000	17 993	2 503 003	7 752 217	3 097
1998	38 624	57 273	1 483	149 934	3 241 800	21 622	2 229 524	7 935 376	3 559
1999	36 116	68 076	1 885	164 258	3 446 805	20 984	2 520 818	8 777 465	3 482
2000	33 910	64 548	1 904	182 850	3 779 827	20 672	2 233 858	7 367 262	3 298
2001	34 736	68 594	1 975	172 815	3 614 859	20 918	2 820 597	12 689 549	4 499
2002	41 890	82 303	1 965	142 892	3 463 968	24 242	2 461 816	9 857 504	4 004
2003	53 292	100 768	1 891	108 097	2 476 346	22 909	2 843 704	14 403 495	5 065
2004	67 128	134 100	1 998	150 217	2 956 771	19 683	2 464 652	10 953 869	4 444
2005	78 890	153 126	1 941	166 885	3 346 333	20 052	2 003 080	8 545 711	4 266
2006	83 602	155 533	1 860	169 705	3 789 166	22 328	2 507 903	11 697 442	4 664
2007	79 173	158 700	2 004	173 235	3 762 445	21 719	2 730 179	13 835 369	5 068
2008	73 428	148 037	2 016	149 350	3 449 726	23 098	2 969 632	15 414 362	5 191
2009	75 774	151 063	1 994	175 709	4 200 910	23 908	2 783 036	11 159 845	4 010
2010	79 266	161 137	2 033	172 214	4 012 948	23 312	2 261 992	13 540 981	5 986
2011	80 211	171 837	2 142	184 263	4 179 245	22 688	2 470 694	12 441 626	5 036
2012	70 376	156 834	2 229	159 115	3 869 080	24 316	3 013 870	16 516 036	5 480
2013	70 901	157 997	2 228	156 797	3 774 184	24 071	3 031 691	17 353 450	5 724
2014	76 291	172 346	2 259	151 562	3 672 738	24 233	2 558 644	15 807 349	6 178
2015	76 586	180 378	2 355	143 034	3 958 983	27 679	2 465 012	16 223 473	6 581
2016 ⁽¹⁾	73 696	147 991	2 008	132 413	3 633 430	27 440	2 619 319	13 489 032	5 150
2017 ⁽¹⁾	77 514	184 257	2 377	108 676	2 807 390	25 833	2 899 428	18 627 443	6 425

ANO	SOJA			TOMATE			TRIGO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1984	2 177 900	4 121 000	1 892	829 211	1 113 009	1 342
1985	2 196 370	4 413 000	2 009	1 295 548	2 696 023	2 081
1986	1 745 000	2 600 000	1 490	1 947 000	2 950 000	1 115
1987	1 718 000	3 810 000	2 218	1 717 500	3 300 000	1 921
1988	2 123 379	4 771 264	2 247	1 773 797	3 250 000	1 832
1989	2 399 993	5 031 297	2 096	1 829 680	3 207 000	1 753
1990	2 267 638	4 649 752	2 050	1 359	54 297	39 954	1 197 149	1 394 052	1 164
1991	1 972 538	3 531 216	1 790	1 494	62 054	41 535	1 082 358	1 825 959	1 687
1992	1 794 000	3 417 000	1 905	1 400	58 287	41 634	1 220 000	1 600 000	1 311
1993	2 076 000	4 817 000	2 320	1 464	62 605	42 763	696 000	1 023 000	1 470
1994	2 154 077	5 332 893	2 476	1 691	74 453	44 029	599 070	1 012 439	1 690
1995	2 199 720	5 624 440	2 557	2 068	87 535	42 328	579 000	960 000	1 658
1996	2 392 000	6 448 800	2 696	2 815	121 508	43 164	1 024 480	1 977 030	1 930
1997	2 551 651	6 582 273	2 580	2 238	89 937	40 186	899 024	1 629 226	1 812
1998	2 858 697	7 313 460	2 558	2 492	101 895	40 889	893 302	1 509 420	1 690
1999	2 786 857	7 752 472	2 782	2 457	105 552	42 960	707 518	1 446 782	2 045
2000	2 859 362	7 199 810	2 518	2 594	116 092	44 754	437 761	599 355	1 369
2001	2 821 906	8 628 469	3 058	3 032	137 509	45 353	873 465	1 840 114	2 107
2002	3 316 379	9 565 905	2 884	3 474	168 865	48 608	1 035 501	1 557 547	1 504
2003	3 653 266	11 018 749	3 016	3 293	165 394	50 226	1 197 192	3 121 534	2 607
2004	4 007 099	10 221 323	2 551	3 207	161 378	50 321	1 358 592	3 051 213	2 246
2005	4 147 006	9 535 660	2 299	3 532	185 299	52 463	1 273 243	2 800 094	2 199
2006	3 948 520	9 466 405	2 397	3 479	180 014	51 743	762 339	1 204 747	1 580
2007	4 001 443	11 882 704	2 970	4 719	310 338	65 764	820 948	1 863 716	2 270
2008	3 967 764	11 764 466	2 965	4 667	289 630	62 059	1 153 251	3 216 590	2 789
2009	4 077 142	9 410 791	2 308	4 804	300 716	62 597	1 308 782	2 482 647	1 916
2010	4 479 869	14 091 821	3 146	5 025	312 319	62 153	1 172 860	3 419 293	2 916
2011	4 555 312	15 457 911	3 393	5 715	347 528	60 810	1 053 924	2 427 721	2 381
2012	4 454 655	10 924 321	2 452	5 585	338 488	60 607	782 308	2 107 665	2 694
2013	4 754 076	15 924 318	3 350	4 965	285 176	57 437	1 000 099	1 886 948	1 887
2014	5 011 446	14 783 712	2 950	4 792	287 161	59 925	1 388 548	3 792 262	2 731
2015	5 246 532	17 262 381	3 290	4 445	265 674	59 769	1 336 739	3 318 802	2 483
2016 ⁽¹⁾	5 453 487	16 852 229	3 090	4 336	245 666	56 657	1 091 245	3 447 429	3 159
2017 ⁽¹⁾	5 253 033	19 618 069	3 735	4 258	257 546	60 485	977 320	3 068 680	3 140

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Estimativa.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS - PARANÁ - 1997-2017

PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459
1998	854 517	236 358	193 435
1999	957 237	198 873	229 466
2000	1 041 412	181 113	235 315
2001	1 121 828	197 985	263 451
2002	1 235 681	219 350	333 951
2003	1 344 398	219 774	359 139
2004	1 557 656	276 808	340 645
2005	1 788 481	308 947	367 765
2006	1 856 538	316 897	390 394
2007	2 057 318	295 010	437 152
2008	2 480 908	279 609	454 340
2009	2 489 061	282 220	509 156
2010	2 725 634	338 599	531 514
2011	2 868 973	279 585	629 586
2012	3 033 270	314 986	623 822
2013	3 379 689	333 180	606 446
2014	3 651 564	336 966	611 183
2015	3 994 430	300 325	676 257
2016 ⁽¹⁾	4 094 522	290 105	777 745
Janeiro	333 554	23 448	57 883
Fevereiro	322 393	22 453	60 510
Março	360 057	25 382	66 208
Abril	348 437	22 938	64 690
Maio	355 399	22 216	63 331
Junho	362 652	24 798	65 410
Julho	339 015	21 999	62 937
Agosto	353 048	23 737	68 680
Setembro	324 808	25 211	68 547
Outubro	327 917	24 978	66 290
Novembro	330 341	24 122	66 027
Dezembro	342 102	28 822	67 233
2017 ⁽¹⁾	1 051 730	66 813	186 727
Janeiro	355 392	21 974	64 081
Fevereiro	319 577	20 276	59 692
Março	376 761	24 563	62 954

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2017

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados		US\$ mil FOB	Part. (%)	
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)			
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 816	45,38	665 062	15,73	1 614 172	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 682	44,14	626 797	15,94	1 528 226	38,86	41 954	1,07	3 932 659
2000	1 661 374	37,81	498 631	11,35	2 158 622	49,12	75 534	1,72	4 394 162
2001	2 280 991	42,87	561 285	10,55	2 416 688	45,42	61 247	1,15	5 320 211
2002	2 384 075	41,80	668 797	11,73	2 576 841	45,18	73 368	1,29	5 703 081
2003	2 985 014	41,70	877 848	12,26	3 217 442	44,95	77 549	1,08	7 157 853
2004	3 908 974	41,56	969 099	10,30	4 437 090	47,18	89 862	0,96	9 405 026
2005	3 297 780	32,87	993 498	9,90	5 608 205	55,89	134 049	1,34	10 033 533
2006	2 931 247	29,26	1 146 938	11,45	5 755 975	57,47	182 177	1,82	10 016 338
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857
2008	5 787 485	37,96	1 611 541	10,57	7 540 538	49,46	307 620	2,02	15 247 184
2009	4 985 127	44,42	1 304 406	11,62	4 719 959	42,06	213 335	1,90	11 222 827
2010	5 983 154	42,21	1 800 201	12,70	6 121 495	43,18	270 994	1,91	14 175 844
2011	7 952 480	45,72	2 410 778	13,86	6 645 958	38,21	385 059	2,21	17 394 275
2012	8 356 708	47,19	2 274 620	12,84	6 748 089	38,10	330 174	1,86	17 709 591
2013	9 068 374	49,72	2 099 371	11,51	6 817 117	37,38	254 339	1,39	18 239 202
2014	8 304 081	50,85	1 955 979	11,98	5 819 271	35,63	252 789	1,55	16 332 120
2015	7 649 587	51,31	1 655 686	11,11	5 428 565	36,41	175 242	1,18	14 909 081
2016 ⁽¹⁾	7 208 746	47,52	1 948 753	12,85	5 922 066	39,04	91 535	0,60	15 171 100
Janeiro	443 582	50,92	95 671	10,98	324 215	37,22	7 724	0,89	871 191
Fevereiro	506 985	50,55	54 316	5,42	435 809	43,45	5 805	0,58	1 002 915
Março	903 242	60,61	104 723	7,03	473 748	31,79	8 454	0,57	1 490 167
Abril	935 222	62,38	85 062	5,67	468 777	31,27	10 153	0,67	1 499 214
Maio	810 823	53,56	171 633	11,34	522 521	34,52	8 807	0,58	1 513 784
Junho	738 827	49,60	219 489	14,74	521 347	35,00	9 793	0,66	1 489 456
Julho	745 730	53,96	174 600	12,63	454 100	32,86	7 511	0,54	1 381 941
Agosto	510 060	37,85	278 356	20,65	556 155	41,27	3 150	0,23	1 347 721
Setembro	480 831	38,47	236 993	18,96	525 068	42,01	7 077	0,57	1 249 969
Outubro	397 900	37,96	166 048	15,84	478 834	45,69	5 320	0,51	1 048 103
Novembro	304 334	29,64	167 471	16,31	549 262	53,48	5 984	0,58	1 027 051
Dezembro	431 212	34,51	194 390	15,56	612 230	48,99	11 756	0,94	1 249 589
2017 ⁽¹⁾	3 748 404	51,46	857 017	11,77	2 623 290	36,02	54 795	0,75	7 283 507
Janeiro	415 581	43,05	122 864	12,73	416 266	43,12	10 549	1,09	965 261
Fevereiro	542 994	45,48	132 400	11,09	510 482	42,76	8 042	0,67	1 193 919
Março	1 066 408	58,57	142 549	7,83	597 570	32,82	14 138	0,78	1 820 665
Abril	860 083	55,96	145 096	9,44	523 173	34,04	8 584	0,56	1 536 936
Maio	863 337	48,87	314 107	17,78	575 800	32,59	13 482	0,76	1 766 727

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-2017

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994	3 506 749	1 589 440	1 917 309	43 545 149	33 078 690	10 466 459
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 282	49 971 896	- 3 465 614
1996	4 245 905	2 434 733	1 811 172	47 746 728	53 345 767	- 5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 546 619	52 982 726	59 747 227	- 6 764 501
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	- 6 623 614
1999	3 932 659	3 699 490	233 169	48 012 790	49 301 558	- 1 288 768
2000	4 394 162	4 686 229	- 292 067	55 118 920	55 850 663	- 731 743
2001	5 320 211	4 928 952	391 259	58 286 593	55 601 758	2 684 835
2002	5 703 081	3 333 392	2 369 689	60 438 653	47 242 654	13 195 999
2003	7 157 853	3 486 051	3 671 802	73 203 222	48 325 567	24 877 655
2004	9 405 026	4 026 146	5 378 879	96 677 499	62 835 616	33 841 883
2005	10 033 533	4 527 237	5 506 296	118 529 185	73 600 376	44 928 809
2006	10 016 338	5 977 971	4 038 367	137 807 470	91 350 840	46 456 629
2007	12 352 857	9 017 988	3 334 870	160 649 073	120 617 446	40 031 627
2008	15 247 184	14 570 222	676 962	197 942 443	172 984 768	24 957 675
2009	11 222 827	9 620 843	1 601 984	152 994 743	127 722 343	25 272 400
2010	14 175 844	13 956 957	218 887	201 915 285	181 768 427	20 146 858
2011	17 394 275	18 767 763	- 1 373 487	256 039 575	226 246 756	29 792 819
2012	17 709 591	19 387 794	- 1 678 203	242 578 014	223 183 477	19 394 537
2013	18 239 145	19 345 381	- 1 106 236	242 033 575	239 747 516	2 286 059
2014	16 332 120	17 295 813	- 963 693	225 100 885	229 154 463	- 4 053 578
2015	14 909 081	12 448 504	2 460 577	191 134 325	171 449 051	19 685 274
2016 ⁽¹⁾	15 171 100	11 092 307	4 078 792	185 235 401	137 552 003	47 683 398
Janeiro	871 191	737 597	133 594	11 237 669	10 322 638	915 031
Fevereiro	1 002 915	767 287	235 628	13 342 876	10 301 098	3 041 779
Março	1 490 167	930 172	559 994	15 991 810	11 560 718	4 431 092
Abril	1 499 214	852 267	646 947	15 371 763	10 509 742	4 862 022
Maio	1 513 784	827 565	686 219	17 568 725	11 136 159	6 432 566
Junho	1 489 456	972 365	517 090	16 738 067	12 769 487	3 968 580
Julho	1 381 941	1 023 103	358 838	16 328 248	11 752 696	4 575 510
Agosto	1 347 721	1 058 556	289 165	16 986 462	12 848 450	4 138 013
Setembro	1 249 969	1 041 253	208 716	15 800 120	11 987 439	3 812 681
Outubro	1 048 174	981 236	66 867	13 713 132	11 375 442	2 337 690
Novembro	1 027 103	942 487	84 564	16 215 928	11 462 653	4 753 275
Dezembro	1 249 589	958 419	291 170	15 940 641	11 525 482	4 415 159
2017 ⁽¹⁾	7 283 507	4 605 580	2 677 926	87 926 304	58 902 090	29 024 214
Janeiro	965 261	958 900	6 360	14 908 421	12 198 221	2 710 200
Fevereiro	1 193 919	851 278	342 641	15 468 697	10 913 293	4 555 404
Março	1 820 665	995 718	824 947	20 075 640	12 942 890	7 132 750
Abril	1 536 936	847 992	688 943	17 681 402	10 716 891	6 964 511
Maio	1 766 727	951 692	815 035	19 792 145	12 130 795	7 661 349

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - ÍNDICES DE PREÇO, DE QUANTUM E DE TERMOS DE TROCA - PARANÁ - 1997-2016

PERÍODO	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		TERMOS DE TROCA
	Índice de Preço	Índice de Quantum	Índice de Preço	Índice de Quantum	
1997	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1998	84,7	102,8	94,2	130,2	89,9
1999	71,6	113,2	91,7	122,0	78,1
2000	71,7	126,3	91,7	154,6	78,2
2001	70,6	155,3	87,4	170,7	80,8
2002	68,1	172,6	88,4	114,1	77,0
2003	72,1	204,7	99,0	106,6	72,8
2004	81,5	238,0	106,2	114,8	76,7
2005	82,4	251,0	118,8	115,4	69,4
2006	87,5	236,1	126,2	143,4	69,3
2007	98,9	257,6	134,6	202,8	73,5
2008	125,9	249,8	179,2	246,1	70,3
2009	112,5	205,7	150,7	193,2	74,7
2010	122,6	238,7	156,0	270,8	78,6
2011	144,7	248,1	179,7	316,0	80,5
2012	143,6	254,6	178,5	328,6	80,4
2013	143,2	263,0	175,6	333,4	81,5
2014	136,2	247,6	170,2	307,5	80,0
2015	113,9	270,3	153,1	246,1	74,4
2016	107,6	291,1	145,4	230,9	74,0

FONTE: IPARDES

NOTAS: Base fixa: 1997=100

Elaborado com dados brutos da SECEX-MDIC.

Utilizou-se índices de Fisher.

TABELA 6 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-2017

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2014 = 100)																
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Combustíveis e lubrificantes	72,1	74,0	86,7	92,4	95,9	93,9	78,4	80,5	82,3	81,5	81,9	78,6	84,9	95,0	100,0	96,8	87,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	65,6	64,1	60,4	58,4	65,1	60,5	64,2	68,4	71,0	74,2	78,4	83,1	91,6	97,0	100,0	98,7	96,9
Hipermercados e supermercados	65,5	64,4	60,9	58,9	65,7	60,6	64,2	68,4	70,9	74,1	78,2	82,8	91,6	96,9	100,0	98,8	97,5
Tecidos, vestuário e calçados	84,3	85,2	75,0	78,3	84,0	84,8	83,5	87,9	91,8	91,3	95,7	94,0	99,8	99,9	100,0	90,1	84,5
Móveis e eletrodomésticos	34,4	32,9	32,3	34,5	44,7	50,5	54,9	61,7	67,8	68,1	79,0	92,3	99,0	103,3	100,0	88,4	77,6
Móveis	103,0	110,5	106,4	100,0	82,3	75,7
Eletrodomésticos	84,6	92,4	101,9	100,0	92,2	78,8
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	29,6	32,6	34,6	36,6	41,6	51,3	61,2	71,3	86,0	95,4	100,0	105,3	103,9
Livros, jornais, revistas e papelaria	84,3	84,3	81,2	84,6	96,1	105,6	122,0	119,3	115,3	125,1	100,0	87,2	71,0
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	9,0	15,9	24,1	31,0	61,7	98,3	134,5	141,0	130,3	120,3	100,0	98,3	81,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	29,7	33,9	39,4	43,0	50,6	56,1	65,1	71,0	85,6	93,3	100,0	97,6	86,2
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	52,7	52,2	51,8	52,3	58,2	57,6	59,3	63,5	68,0	71,5	78,1	83,6	91,9	97,7	100,0	96,8	91,8

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2014 = 100)																
	Jan./16	Fev./16	Mar./16	Abr./16	Mai./16	Jun./16	Jul./16	Ago./16	Set./16	Out./16	Nov./16	Dez./16	2017	Jan./17	Fev./17	Mar./17	Abr./17
Combustíveis e lubrificantes	87,7	85,8	85,3	86,7	88,9	89,6	92,9	91,5	86,5	85,7	84,8	89,6	99,5	94,8	92,9	108,2	102,2
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	100,7	94,3	98,6	94,4	90,1	90,0	94,6	91,7	93,9	96,2	96,0	122,4	97,8	101,0	93,2	98,6	98,3
Hipermercados e supermercados	101,7	95,0	99,3	95,0	90,4	90,3	95,0	92,0	94,5	96,7	96,7	123,7	93,5	97,7	89,3	92,7	94,2
Tecidos, vestuário e calçados	69,3	61,5	72,0	82,0	100,5	89,7	79,1	83,0	70,1	76,9	80,3	149,7	70,0	66,1	60,0	72,5	81,5
Móveis e eletrodomésticos	84,3	74,7	75,7	72,1	78,9	71,7	71,2	71,3	66,3	72,9	86,1	106,2	71,0	78,3	64,3	76,0	65,2
Móveis	87,0	73,0	74,9	72,9	78,6	69,7	69,6	68,6	65,1	69,7	79,7	100,0	53,1	59,8	44,2	52,7	55,6
Eletrodomésticos	82,6	75,9	76,1	71,6	79,2	72,9	72,2	73,1	67,1	74,9	90,1	110,2	68,8	51,9	69,4	81,4	72,5
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	100,6	89,4	112,7	101,8	104,2	101,6	104,9	103,8	100,5	104,0	106,5	117,2	97,9	95,2	88,3	111,4	96,7
Livros, jornais, revistas e papelaria	99,5	94,4	76,6	66,7	62,4	60,5	63,9	69,4	61,6	44,1	44,4	108,9	70,7	84,2	70,2	67,6	60,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	80,5	78,1	83,5	75,3	74,9	80,7	81,1	82,8	79,5	80,1	87,1	95,0	83,5	32,1	91,2	110,6	100,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	78,8	68,3	80,2	77,3	84,3	81,7	78,7	77,7	72,7	90,3	94,9	149,9	75,8	77,5	66,1	74,8	84,8
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	92,6	85,8	91,1	88,6	89,7	87,8	89,6	88,2	86,4	90,0	92,1	119,5	90,8	91,3	84,7	94,4	92,6

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 7 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 2004-2017

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)															
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Jan./16	Fev./16	Mar./16
Indústria de transformação	74,0	77,0	74,0	80,3	88,3	81,0	95,2	113,4	100,0	103,0	97,7	89,1	85,2	71,8	74,8	86,0
Produtos alimentícios	91,7	88,6	93,7	97,0	94,3	90,1	97,6	104,7	100,0	102,4	96,7	94,3	98,8	71,0	77,0	100,9
Bebidas	67,5	72,3	82,7	82,0	83,3	86,1	95,8	106,6	100,0	99,7	104,5	113,9	119,4	126,5	121,6	128,9
Produtos de madeira	130,7	114,7	100,1	94,7	93,2	72,1	79,3	92,4	100,0	117,3	120,9	119,8	124,7	115,2	109,7	128,4
Celulose, papel e produtos de papel	75,1	80,9	82,4	81,9	95,6	94,8	100,0	109,5	100,0	98,8	103,1	112,9	112,7	102,1	104,8	110,8
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	82,9	90,9	91,9	88,6	95,0	94,6	86,6	104,5	100,0	97,0	100,7	96,1	81,4	85,0	76,6	80,7
Outros produtos químicos	153,4	124,1	120,8	134,1	104,9	126,4	108,7	117,2	100,0	103,0	101,5	98,2	89,6	87,9	89,4	75,2
Produtos de borracha e de material plástico	100,0	109,6	108,0	97,8	95,1	86,3	90,6	99,7
Minerais não metálicos	70,4	72,8	69,3	73,2	92,7	94,9	99,9	111,3	100,0	110,5	111,5	89,8	73,1	74,0	76,8	78,8
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	77,6	75,6	76,3	80,3	85,1	73,7	89,7	105,7	100,0	98,4	96,5	87,3	77,5	66,3	73,6	80,9
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	63,8	69,0	70,1	77,6	79,5	80,5	85,4	97,2	100,0	104,1	106,1	99,6	93,2	78,2	78,7	99,0
Máquinas e equipamentos	88,2	74,6	73,2	94,2	103,6	84,6	114,0	115,1	100,0	112,6	98,1	89,8	93,2	51,1	54,6	85,8
Veículos automotores, reboques e carrocerias	51,5	62,4	49,6	64,7	80,1	58,3	91,8	126,5	100,0	103,8	82,5	55,5	51,7	34,9	48,9	54,4
Móveis	85,2	80,9	82,5	93,2	85,6	77,8	99,6	103,2	100,0	101,4	94,0	76,2	66,9	69,9	72,5	73,9

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)														
	Abr./16	Mai./16	Jun./16	Jul./16	Ago./16	Set./16	Out./16	Nov./16	Dez./16	2017	Jan./17	Fev./17	Mar./17	Abr./17	
Indústria de transformação	85,0	83,8	89,1	93,3	91,0	86,1	90,8	91,2	79,4	81,1	74,8	78,2	90,4	81,0	
Produtos alimentícios	104,4	100,6	106,6	113,3	107,7	106,3	108,3	103,5	85,5	87,7	82,6	84,0	93,5	90,5	
Bebidas	114,8	90,9	95,4	94,3	133,3	126,9	133,5	127,4	138,7	117,2	129,1	117,2	126,9	95,7	
Produtos de madeira	125,1	129,0	127,7	125,6	135,8	134,3	131,7	130,9	102,6	122,7	120,5	109,4	136,5	124,5	
Celulose, papel e produtos de papel	108,1	103,5	111,5	123,9	116,3	115,0	112,8	124,4	119,7	103,4	100,3	98,5	111,6	103,2	
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	88,4	87,4	89,6	89,2	69,6	66,1	91,3	82,3	70,5	73,8	69,3	66,5	80,4	79,0	
Outros produtos químicos	64,6	83,0	102,1	99,9	107,4	112,0	91,2	81,2	81,4	71,3	87,0	70,3	66,7	61,3	
Produtos de borracha e de material plástico	95,1	95,5	101,5	99,2	109,3	93,5	95,7	91,7	82,7	93,8	90,1	90,4	100,7	93,9	
Minerais não metálicos	78,4	70,8	73,0	79,0	77,8	60,7	67,6	75,8	64,2	81,8	66,6	78,3	96,8	85,5	
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	71,3	82,5	84,0	79,1	83,8	78,6	78,7	78,9	72,0	77,3	77,1	76,7	84,8	70,4	
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	100,2	102,0	101,5	88,4	108,2	88,5	99,5	94,0	79,9	86,3	80,1	82,2	101,0	82,0	
Máquinas e equipamentos	67,8	77,5	93,9	103,4	121,3	118,3	109,9	125,8	114,9	105,2	68,8	115,9	131,3	104,7	
Veículos automotores, reboques e carrocerias	53,3	47,0	51,6	63,1	57,6	48,5	50,2	60,8	49,7	55,4	46,3	54,2	67,8	53,3	
Móveis	67,1	67,0	61,1	59,0	67,1	64,6	65,9	72,6	62,3	63,2	59,7	63,1	68,9	61,2	

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTAS: Índice sem ajuste sazonal.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

TABELA 8 - RENDIMENTO HABITUAL REAL E TAXA DE DESOCUPAÇÃO, NO PARANÁ - 2012-2017

TRIMESTRE	RENDIMENTO HABITUAL REAL ⁽¹⁾	TAXA DE DESOCUPAÇÃO (%)
Janeiro-março 2012	2 149	5,6
Abril-junho 2012	2 096	5,3
Julho-setembro 2012	2 165	4,6
Outubro-dezembro 2012	2 120	4,3
Janeiro-março 2013	2 182	4,9
Abril-junho 2013	2 176	4,5
Julho-setembro 2013	2 224	4,2
Outubro-dezembro 2013	2 219	3,7
Janeiro-março 2014	2 255	4,1
Abril-junho 2014	2 225	4,1
Julho-setembro 2014	2 239	4,1
Outubro-dezembro 2014	2 303	3,7
Janeiro-março 2015	2 296	5,3
Abril-junho 2015	2 242	6,2
Julho-setembro 2015	2 234	6,1
Outubro-dezembro 2015	2 158	5,8
Janeiro-março 2016	2 123	8,1
Abril-junho 2016	2 109	8,2
Julho-setembro 2016	2 155	8,5
Outubro-dezembro 2016	2 210	8,1
Janeiro-março 2017	2 194	10,3

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral

(1) Rendimento médio real do trabalho principal, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas. Em R\$ de fevereiro de 2017.

TABELA 9 - SALDO DO EMPREGO FORMAL - PARANÁ⁽¹⁾ - 1995-2017

ANO	SETORES (número de vagas)						TOTAL
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/ Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
2005	14 385	2 091	25 183	31 223	962	4	72 374
2006	23 697	5 955	21 205	34 294	1 245	-	86 396
2007	46 524	8 011	30 502	31 571	5 753	-	122 361
2008	22 765	13 713	33 067	35 278	6 080	-	110 903
2009	12 993	8 271	22 755	29 446	-4 381	-	69 084
2010	41 116	17 597	36 111	49 868	-2 209	-	142 483
2011	26 065	10 656	33 269	53 433	493	-	123 916
2012	14 861	5 940	28 922	37 520	1 896	-	89 139
2013	15 600	3 111	28 135	41 308	2 195	-	90 349
2014	- 8 188	3 219	13 507	32 636	- 162	-	41 012
2015	- 47 096	- 16 133	- 12 526	- 2 860	3 067	-	- 75 548
2016	- 24 729	-14 790	- 7 234	- 11 463	- 1 612	-	- 59 828
Jan.-Maio 2017	11 453	2 979	- 2 327	12 344	1 881	-	26 330

FONTE: MTE - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 10 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 2002-2016

ANO	PARANÁ ⁽¹⁾		BRASIL ⁽²⁾	
	Valor (R\$ milhão) ⁽³⁾	Variação Real (%)	Valor (R\$ milhão) ⁽³⁾	Variação Real (%)
2002	88 236	-	1 488 787	-
2003	110 039	4,0	1 717 950	1,1
2004	123 452	5,4	1 957 751	5,8
2005	127 465	0,6	2 170 585	3,2
2006	137 648	1,9	2 409 450	4,0
2007	165 209	7,2	2 720 263	6,1
2008	185 684	4,0	3 109 803	5,1
2009	196 676	- 1,7	3 333 039	- 0,1
2010	225 205	9,9	3 885 847	7,5
2011	257 122	4,6	4 376 382	4,0
2012	285 620	0,0	4 814 760	1,9
2013	333 481	5,5	5 331 619	3,0
2014	348 084	- 1,5	5 778 953	0,5
2015	365 881	- 3,3	6 000 570	- 3,8
2016	391 691	- 2,1	6 266 896	-3,6

FONTE: IBGE/ IPARDES – Contas Regionais do Brasil

NOTA: Nova metodologia, referência 2010.

(1) Os resultados para o Estado do Paraná, nos anos de 2015 e 2016, são estimativas preliminares do IparDES.

(2) Dados do PIB do Brasil de 2015 e 2016, calculados pelo IBGE, referem-se às Contas Nacionais Trimestrais.

(3) Preços correntes de mercado.

